

A recepção de Stirner na França ¹

Tanguy L'Aminot²

A primeira alusão a Stirner na França é anedótica, consistindo de uma notícia sobre seu casamento com Maria Dähnhardt. Esse ocorrera em Berlim em outubro de 1843, mas a *Gazette de France* o noticiou apenas em 21 de outubro de 1846, dando mais ênfase ao caráter extraordinário dessa união atéia que ao autor de *Der Einzige und sein Eigentum*. Publicado dois anos antes em Leipzig, esse livro só terá seu primeiro comentário francês em julho de 1847, na *Revue des Deux Mondes*, de autoria de René Gaspard Ernest Saint-René Taillandier, professor de literatura francesa em Montpellier, e posteriormente um especialista renomado em história e em literatura alemãs, ele buscará examinar a crise da filosofia hegeliana em seus aspectos mais extremos. Um terço de seu artigo é consagrado à apresentação de Stirner que, segundo ele, acaba com “essa série de sistemas que se encadeiam e, ao resumi-los e destruí-los todos, faz com que os compreendamos melhor” (Taillandier 33, p. 2).³ Os sistemas de Bauer, Ruge e Feuerbach, que ele examina, não são para ele nada além de uma seqüência de extravagâncias em que o radicalismo subjuga a razão. Stirner é o último elo dessa corrente e o absurdo de sua proposta permite que o leitor apreenda a decadência do pensamento filosófico alemão:

1 Texto traduzido por Marcos Ribeiro Balieiro. Revisão da tradução por Patrícia Fontoura Aranovich.

2 Pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), na França. E-mail: tanguy-laminot@netcourrier.com

3 Bringt “diese verflochtene Systemenreihe zu Ende, und indem er sie zusammenstellt, sie insgesamt über den Haufen wirft, lehrt er sie uns besser begreifen”. Sobre Saint-René Taillandier, podemos ler o livro de Luc Fraisse, *Les fondements de l'histoire littéraire. De Saint-René Taillandier à Lanson* (Fraisse 11).

Vejam sobretudo que lógica, que clareza, que segurança imperturbável temos na obra do Sr. Max Stirner! Não é ele que o coração perturba no encadeamento de suas doutrinas. Homem feliz! Ele não tem escrúpulo algum, nenhuma excitação, e seu remorso é nulo. Nunca nenhum dialético foi mais bem defendido pela segura de sua natureza. Sua pena nem mesmo treme, ela é elegante sem afetação, graciosa sem *parti pris*. Quando qualquer outro se agitaria, ele sorri naturalmente. O ateísmo lhe é suspeito, por ser ainda religioso demais. Completar o ateísmo com o egoísmo, aí está a tarefa que ele cumpre. E com que facilidade, com que tranquilidade de alma! (Taillandier 33, p. 8) ⁴

O pensamento de Stirner é demente e apocalíptico e conduz apenas a um individualismo extremo. Cada um, só em meio ao deserto que criou para si, pode afirmar com uma alegria sinistra: “Eu não me apeguei a nada! É o canto lúgubre de vitória que abre e que encerra esse livro espantoso” (Taillandier 33, p. 9).⁵ Saint-René Taillandier retoma seu artigo em seus *Études sur la révolution en Allemagne*, em 1853.

Esse primeiro contato dos franceses com Stirner é, portanto, bastante negativo. O filósofo é considerado apenas um “jovem hegeliano”, e é em referência a Hegel por parâmetro que o consideram. Sua recepção, além disso, interessa a poucas pessoas: especialistas em filosofia alemã e germanófonos, já que *Der Einzige* só será traduzido dali a uns cinquenta anos.

A redescoberta de Stirner na França coincide, com efeito, com a que acontece na Alemanha a partir da década de 1880 e se beneficia do retorno individualista que é manifesta em vários países europeus. Julius

4 “Seht nur, welche Logik, welche Schärfe, welche unzerstörbare Sicherheit bei Max Stirner! Ihn erschüttert in der gewaltigen Ideenverbindung Nichts. Der Glückliche! Er hat keinen Gewissenszweifel, keine Unruhe, keinen Schmerz. Nie unterstütze einen Dialektiker besser seine natürliche Starrheit. Seine Feder zittert nicht; sie ist elegant ohne Ziererei, geschmackvoll ohne Vorurtheil. Wo ein Anderer bewegt wäre, da lächelt er ungezwungen. Der Atheismus ist ihm verdächtig als zu Religiös; den Atheismus durch den Egoismus ergänzen, diese Aufgabe löst er, und mit welcher Leichtigkeit, mit welcher Seelenruhe löst er sie!”

5 “*Ich habe meine Sache auf Nichts gestellt!* Das ist der trübe Siegesgesang, mit dem jenes schreckliche Buch beginnt und schließt”.

Langbehn, Nietzsche ou Stefan Georg na Alemanha, Oscar Wilde na Inglaterra, Strindberg ou Ibsen nos países escandinavos são as figuras mais evidentes dele. A partir da reedição de *Der Einzige* em Leipzig, em 1882, um eco deste é produzido na França na *Histoire de la philosophie* de Alfred Fouillé (Fouillée 10). Mas a verdadeira descoberta de Stirner pelo público francês só acontece com a publicação dos primeiros excertos de *Der Einzige* traduzidos por Théodor Randal, em setembro de 1892, nas *Entretiens politiques et littéraires*, uma revista literária mais ou menos anarquizante que publica autores de vanguarda como Stéphane Mallarmé e se fez notar em julho por ter editado, em pleno período de atentados, o provocante *Eloge de Ravachol* de Paul Adam. O título dado a esses excertos é revelador do novo olhar lançado a Stirner, já que *Der Einzige* é tratado agora “o livro libertador”. Outros excertos aparecerão nessa revista, mas também na grande publicação do simbolismo de fim de século, o *Mercur de France*, em 1894, 1895 e 1899, traduzidos, dessa vez, por Henri Albert.

Der Einzige un sein Eigentum é, por fim, traduzido em sua totalidade por R. L. Leclair e publicado em dezembro de 1899, por Stock. Essa tradução é logo seguida de uma outra, feita por Henri Lavignes e publicada nas *Editions de La Revue Blanche*. Esses dois editores, que publicam tanto Wilde como Swinburne e a literatura decadente da época, mostram que o livro de Stirner está destinado ao público letrado jovem e contestador da época. Este último está pronto a acolhê-lo e a se deleitar com ele. Longe de rejeitar Stirner como fizera Saint-René Taillandier cinquenta anos antes, os prefaciadores acentuam o caráter positivo de seu pensamento em defesa do indivíduo contra os ideais mentirosos sustentados pela Igreja ou pelo Estado. Sua leitura leva Stirner para o lado dos anarquistas. R.-L. Reclair fala dessa “terra fecunda” que Stirner desnuda e de “de sob a qual ele estende a mão, cinquenta anos antes, aos anarquistas de hoje”.

Os prefaciadores reconhecem o nihilismo de Stirner, mas querem ultrapassá-lo, com uma leitura positiva e prática de seu livro. Seu desenvolvimento é, também, uma resposta aos universitários que haviam comentado nos últimos tempos esse filósofo que seduzia muitos jovens intelectuais. Théodore Funck-Brentano, professor na École Libre de

Sciences Politiques, havia notoriamente consagrado algumas páginas de seu estudo sobre *Les Sophistes allemands et les nihilistes russes*, em 1887, a Stirner, de cuja obra ele apresentou numerosos extratos. A negação de valores próprios ao Único lhe parecia anunciar a ação dos revolucionários russos. Henri Lichtenberger, em 1894, vê em Stirner um pensador “puramente negativo”, cujas conclusões dão margem a todas as possibilidades:

Observou-se que sobre a teoria do egoísmo absoluto seria fácil basear uma filosofia idealista ao modo de Schopenhauer; talvez não fosse impossível até mesmo, partindo das premissas anarquistas de Stirner, chegar a uma teoria aristocrática como a de Nietzsche ou a de Renan, ou mesmo a qualquer sistema social burguês e capitalista análogo àquele da América contemporânea! (Lichtenberger 23, p. 241)

Stirner não indica, com efeito, o modo segundo o qual deve se organizar a futura sociedade, nem descreve os meios pelos quais o indivíduo se libertará. Se Stirner seduz alguns por seu caráter excessivo, ele assusta aqueles que aspiram a uma sociedade ordenada ou tradicionalista. Um escritor ocultista e monarquista como Joséphin Périadan, autor de um vasto afresco romanesco intitulado *La décadence latine* e fundador de salões da Rosa Cruz, retoma em 1895, no *Le livre du sceptre*, as denúncias de Funck-Brentano e Lichtenberger. Para ele, Stirner não é nada além de um tolo, cujo lugar é ao lado de Lutero, Calvino, Kant, Hegel, Schelling, Fichte, Schopenhauer, Marx, Herzen, Bakunin e alguns outros, que constituem “os dezesseis degraus da próxima guilhotina permanente” (Périadan 27, p. 206). Ele é o pai da anarquia moderna.

Essa etiqueta designará Stirner tanto para bem quanto para mal.⁶ A partir de 1904, ela será confirmada pela Universidade por meio da tese de Victor Basch, *L'individualisme anarchiste. Max Stirner*, que aparece na prestigiosa coleção de Lacan: a Bibliothèque Générale des Sciences. O

6 Mencionemos, desse período, os artigos de Jean Thorel, “Les pères de l'anarchisme: Bakounine, Stirner, Nietzsche”, (Thorel 34), e de Constantin Ghéréa, “Max Stirner ou l'anarchie de la pensée” (Ghéréa 13).

livro será reeditado em 1928 e será a referência obrigatória dos meios libertários e letrados até as publicações de Henri Arvon. Com efeito, ele substitui Stirner no contexto filosófico de seu tempo e examina os principais conceitos de sua obra. Basch sustenta que, em Stirner, a anarquia não é a ausência de organização, mas

uma nova organização, cuja célula é o indivíduo – o Único – livre de todos os entraves das religiões, dos códigos, das morais e das convenções, manifestando todas as suas energias, revelando-se todo poderoso, criador e proprietário de si mesmo, bravo, despreocupado, cruel, amante da luta, duro com os outros e consigo mesmo, desdenhoso de toda consideração estranha a seu interesse, desprovido de qualquer escrúpulo e de qualquer respeito, associando-se livremente a Únicos libertos como ele. (Basch 2, p. V-VI)

Stirner pode ser definido como o partidário de uma moral estética e aristocrática que o opõe aos outros teóricos do anarquismo, como Bakunin ou Kropotkine. Essa concepção conduz Basch, que é judeu, defensor dos Direitos do Homem e será assassinado durante a Segunda Guerra Mundial pela Milícia, a ver no pensamento de Stirner o anúncio da seleção biológica e das práticas eugênicas, aproximando-o das teorias raciais de um Vacher de Lapouge (Basch 2, p. 279-280). Uma tal interpretação apóia-se mais na leitura nietzscheana⁷ de Stirner que era feita à época tanto quanto na influência de teorias darwinistas reduzidas falsamente à luta pela vida e à dominação do fraco pelo forte.⁸ A tradução francesa da época explica, aliás, um pouco desse deslize, e o ilustra. O capítulo de *L'Unique* intitulado “Meine Macht” é traduzido por R.-L. Reclaire como “Minha potência”, enquanto a tradução de P. Galissaire, em 1972 será “Meu poder”.

7 Albert Lévy (Lévy 22), tenta, enquanto isso, minimizar a relação de Nietzsche e Stirner.

8 O exemplo mais marcante dessa confusão entre o pensamento de Stirner e o de Darwin é dado pelos anarquistas que se entusiasmarão, então, com o livro de Félix Le Dantec, *L'égoïsme, base de toute société. Étude des déformations résultant de la vie en commun* (Le Dantec 20).

Os leitores de Stirner no começo do século são reticentes com respeito a essa filosofia. Entre os que pertencem ao mundo letrado e que deixaram alguns comentários, convém mencionar André Gide, Georges Palante e Alexandra David-Neel. O autor de *L'immoraliste* apresenta, em 10 de dezembro de 1899, um comentário à edição de Stirner feita por Lavignes. Paradoxalmente, ele vê na noção de unicidade um fenômeno gregário e adulterado: “*O Único*, do senhor Max Stirner, é legião! Único, ele só é, aliás, para si mesmo: é sua única propriedade; o Único sou eu, você, Tytine; o Único é cada um por si” (Gide 14, p. 79).⁹ Para ele, não é preciso formular o individualismo para proteger os indivíduos. Georges Palante (1862-1925) não está mais convencido do caráter aristocrático do anarquismo stirneriano, tal como havia sido percebido por V. Basch. O individualismo presente em *Der Einzige* lhe parece grosseiro e brutal, extremado e simplista:

Ao lado do individualismo stirneriano, absoluto, puramente negativo e destrutivo, igualitário no fundo, já que suprime toda hierarquia de valores intelectuais, há lugar na história das idéias para um individualismo mais amplo, mais compreensivo, mais refinado, mais complicado intelectualmente e sentimentalmente, um individualismo que chamaremos individualismo aristocrático. (Palante 26, p. 57)

Seu ponto de vista é quase o mesmo que o de Gide e ele vê, no individualismo stirneriano, “um individualismo barato que põe originalmente o nome da unicidade ao alcance de todos os homens sem exceção, e que lhes concede generosamente, quer queiram quer não, esse mínimo de genialidade” (Palante 26, p. 60). Quanto a A. David-Neel, ela encontrou na China, junto aos sábios do budismo, revolucionários mais profundos e eficazes que Nietzsche e Stirner. Um livro como o *Astravakra Gita* lhe parece áspero e “terrivelmente extremado em sua lógica implacável. Max Stirner, Nietzsche, Yang-tchou e Bhartrihari são semelhantes”, escreve ela a seu marido em 25 de março de 1913, antes de partir para Lhassa (David-Neel 8, p. 234).¹⁰

⁹ Lavignes trouxe a público sua resposta sob o título de “Lettre ouverte à M. André Gide” (Lavignes 18, p. 398-400).

Os verdadeiros discípulos franceses de Stirner durante a primeira metade do século XX foram os anarquistas individualistas, reunidos ao redor da figura de E. Armand (1872-1962). Seu verdadeiro nome era Ernest-Lucien Juin, e era filho de um antigo *communard* que não o pôs na escola e lhe deu, então, uma educação livre e aberta. Armand foi, até a sua morte, o principal representante do pensamento de Stirner na França. Ele lhe conferiu um lugar importante em seus livros, suas brochuras e seus jornais, em que ele tenta definir mais uma nova maneira de viver que uma filosofia abstrata. Seu último periódico, que surge em 1945 e desaparece com ele, é intitulado *L'Unique*. Armand se interessa por tudo que lhe parece poder contribuir para a felicidade e o florescimento da pessoa, do naturismo na sexualidade, dos esforços comunitários na alimentação e na educação. Stirner, ainda que seja a referência essencial desse individualismo anarquista, não é o único autor sobre o qual este se apóia: Tolstoi, Thoreau, Rousseau, Proudhon, Tucker, Spencer e Han Ryner são regularmente citados ou evocados. Armand está mais preocupado em reunir aqueles que aspiram a uma vida diferente fora da sociedade autoritária e ordenada que em instaurar a associação dos egoístas preconizada por Stirner. Sua concepção do contrato recíproco o conduz notavelmente a se opor ao stirneriano italiano Enzo Martucci, que preconiza o egoísmo em sua forma mais radical. Armand fez muito para manter vivo o pensamento de Stirner. Ele redigiu o verbete sobre o stirnerismo na *Encyclopédie anarchiste* editada por Sébastien Faure em 1934. Em 1948, ele reeditou a tradução de *Der Einzige* feita por H. Lavignes, escrevendo um prefácio para ela. Traduziu, ao longe de 1930, passagens de *Das unwahre Prinzip unserer Erziehung* e do comentário de Stirner sobre *Les mystères de Paris*, de Eugène Sue, editou excertos do livro de Mackay, publicou páginas escolhidas em suas revistas e, sobretudo, reuniu as energias daqueles que haviam descoberto *Der Einzige* e se entusiasmado com ele. Foi sem dúvida devido à sua ação que muitos autores escreveram sobre Stirner antes e depois da guerra, fora do contexto universitário e para militantes anarquistas. Entre essas obras publicadas por conta do autor, figuram o livro de François

¹⁰ Ela publica, em 1908 no *Mercure de France*, um artigo dedicado a Yang-tchou (ou Yang Zhu), intitulado “Un Stirner chinois”.

Lugghesi, *La philosophie de Stirner* (Lugghesi 24) e a brochura de Camille Spiess, *Max Stirner* (Spiess 32). Para esses individualistas, Stirner era não apenas um objeto de estudo, mas um farol que iluminava a rota que eles haviam escolhido e que traçavam, cotidianamente, no seio da sociedade burguesa. Gaetano Manfredonia escreve, com muita justiça, que o stirnerismo realmente se firmou na França depois de 1914:

Stirner, mais que qualquer outro, contribui para que o individualismo anarquista adquira uma fisionomia própria. Seu pensamento, livre do contexto histórico e social de sua redescoberta, permite estabelecer uma espécie de “ortodoxia” que fez do pensamento alemão a pedra de toque, a referência obrigatória de todas as suas formulações ulteriores. E isso a tal ponto que, em seguida, haverá cada vez mais a tendência a reduzir o conjunto das manifestações individualistas apenas à componente stirneriana, ou a falar em uma “veia stirneriana” do anarquismo, o que é manifestamente falso. (Manfredonia 25, p. 293)

Outros revolucionários, sejam de direita ou de esquerda, também utilizarão e comentarão Stirner na primeira metade do século XX. São, em princípio, os dadaístas e, depois, os surrealistas. Do mesmo modo que os dadaístas alemães, os franceses descobrirão *Der Einzige* e se entusiasmarão com ele. O pintor Francis Picabia notoriamente lerá – se acreditarmos em sua esposa (Buffet-Picabia 5, p. 37) – apenas dois autores em sua vida: Nietzsche e Stirner. Stirner, por insistir no Único enquanto criador de sua vida, era perfeitamente conveniente para os pintores e romancistas que buscavam destruir as barreiras entre o pensamento e a ação, a arte e a realidade cotidiana. André Breton, que foi arrebatado pelo anarquismo em sua juventude, foi seduzido pela revolta stirneriana, mas, em sua preocupação de associar o surrealismo ao materialismo dialético o levou por muito tempo a silenciar sobre a importância desse autor na gênese de seu pensamento. É apenas tardiamente, portanto, que aparecem textos sobre Stirner escritos pelos surrealistas. Vincent Bounoure o homenageará em dois números de *La*

Brèche, em 1963 e 1964 (Bounoure 4). Stirner é uma etapa rumo ao homem total e seu nome, vizinho do de Sade, do de Lautréamont ou do de Bataille no panteão do movimento. Sade, não tendo conhecido a oposição de Marx como Stirner, lhe é até mesmo preferido. Jean-Jacques Brochier publica, assim, um livro sobre *Le Marquis de Sade et la conquête de l'unique* (Paris: Losfeld, 1966), em que Stirner serve para destacar o romancista do século XVIII. Encontramos essa atitude também em uma surrealista como Annie Le Brun, que publicará vários livros sobre Sade, mas se contentará em homenagear Stirner ou em utilizá-lo quando ela atacar o “rebanho das feministas” em seu livro *Lâchez tout* em 1977. Ela retorna ao mesmo assunto em *A distance* em 1984 para lembrar que Stirner foi “o primeiro a mostrar o que o Único perde nesse jogo de um pensamento que não cessa de se abster de tratar o particular para ascender ao geral” (Le Brun 19, p. 15). Seria preciso falar aqui, também, do Stirner dos situacionistas, que está bastante próximo do dos surrealistas, ainda que os discípulos de Guy Debord tenham declarado sua hostilidade por estes últimos.¹¹ Podemos ver neles a mesma preocupação em conciliar aspirações individuais, literárias e artísticas com a ortodoxia marxista e as mesmas confusões. O sucesso atingido havia mais de vinte anos junto ao grande público pelo surrealismo e pelo situacionismo mostra bem que essas correntes não colocam fundamentalmente nada em questão, e até mesmo coexistem muito bem com a ideologia dominante. Até mesmo um livro agressivo como a *Anthologie de la subversion carabinée* de Noel Godin (Lausanne: L'Âge d'Homme, 1988 e 1996) não tem muito mais impacto que qualquer outro produto editorial e comercial. Todas essas obras, bem como os romances de Gerard Guégan (*La rage au coeur* ou *Pour toujours*, por exemplo) ou de B. Traven traduzidos para o francês, asseguram, por outro lado, a sobrevivência do pensamento stirneriano e são, para seus leitores, a ocasião de entrar em contato com *Der Einzige*.

À direita, encontramos muito poucas alusões a Stirner. Georges Valois, que fundou o Faisceau e é frequentemente considerado o fundador do fascismo na França, era anarquista antes de aderir às teses

¹¹ Ver “L'ennemi du peuple” em *Documents relatifs à la fondation de L'Internationale Situationniste* (Documents 9, p. 454-455).

nacionalistas. Em *L'homme qui vient. Philosophie de l'autorité*, que ele publica em 1904, Stirner não é nomeado, mas sua presença é inegável na passagem em que Valois opõe o anarquista ao socialista:

O anarquista é um homem forte, que recebe as qualidades aristocráticas do seio de sua mãe escrava, que nasce com a virtude do comando e que, encontrando-se colocado, por seu nascimento, entre aqueles que são dirigidos e protegidos, suporta impacientemente essa direção, que ele é chamado a encontrar em si mesmo, e essa proteção, que o humilha (...) Direito, justiça, legalidade, eis palavras que ele pronuncia raramente, mas “Eu”, “Eu quero”, “Minha vontade”, eis suas palavras que são como golpes de espada. “Precisamos de leis protetoras”, respondem-lhe os escravos revoltados que recriminam em nome da Justiça. Ele termina por reconhecer que não está com os seus, e que esses homens que inventaram o ardid da Justiça para atrair as simpatias das almas generosas não podem ser os irmãos de armas daqueles que não contam com nada além de sua própria força para se libertar. A partir desse momento, ele se torna o que é, um aristocrata. (Valois 35, p. 125-127)

Nietzsche e outros filósofos autoritários serão mais frequentemente evocados pela direita, mas faz-se ainda uma homenagem a Stirner em 1976 em um artigo da revista fascista *Défense de l'Occident* (Peltier 28) e em 2004 na revista da Nouvelle Droite dirigida por Alain de Benoist, *Éléments* (Becht 3).¹²

12 James Becht condena veementemente o pensamento de Stirner que, segundo ele, “elabora uma metafísica do Eu que faz desaparecer o ser sob um sendo que se quer supremo e acaba não sendo nada [...]. O individualismo é a ferida aberta deste mundo em que vivemos, qualquer que seja o aspecto sob o qual ele se apresente: libertário, anarquista, de esquerda ou de direita, libertariano, liberal, utilitarista, interessado, heróico ou, mais depreciativamente, aproveitador ou ainda procurando se fazer passar por militante da causa de outro. O individualista busca apenas atingir um só e único fim: a satisfação hedonista e egoísta de sua própria pessoa, daquele ou daquela que exalta sua excelência e tece louvores a ela em todos os lugares. Estão, portanto, na mesma condição os indivíduos provenientes de horizontes muito variados, desde o adolescente rebelde anarquista até a estrela da mídia, desde o *golden boy* novo-rico até o moleque da periferia”.

Passada a febre do início do século, Stirner terá um pequeno número de leitores na França. Se ele interessa aos anarquistas ou aos artistas de vanguarda, suscita, por outro lado, a reprovação, e até mesmo a hostilidade, daqueles que consideram o eu como detestável, ou que privilegiam o sacrifício a uma causa ou a um partido. Os socialistas e os marxistas retomam os argumentos dados por Marx em *Die deutsche Ideologie* para denunciar o caráter pequeno burguês de *Der Einzige*. Sua posição é resumida perfeitamente por Compère-Morel em seu *Grand dictionnaire socialiste*, em 1924:

Do ponto de vista social, o individualismo de Stirner não faz nada além de erigir em teoria o que se pratica sob nossos olhos no regime burguês. *O Único e sua propriedade* é um manual do perfeito burguês ou do perfeito arrivista, para o qual todos os meios são bons, desde que sirvam a seu interesse ou sua ambição. Max Stirner é o *enfant terrible* da burguesia: ele desvela sem reserva alguma o segredo de sua existência. (Compère-Morel 7, p. 893)

Podemos reencontrar um discurso idêntico até nossos dias.

Stirner terá menos leitores, já que seu livro não será reeditado na França antes de 1960. Alguns excertos aparecem em 1956 na *Revue d'Histoire Économique et Sociale* e Pauvert reedita, quatro anos mais tarde, a tradução de R.-L. Leclair. A causa desse novo interesse residia no fato de que Stirner ressuscitou para o público letrado aproximadamente em 1950, graças às páginas que Albert Camus consagrou a ele em *L'homme revolté* e à publicação, pelas Presses Universitaires de France, do livro de Henri Arvon, *Aux sources de l'existentialisme. Max Stirner*. O autor de *L'étranger* criou um retrato caricatural e grotesco do Único e de seu criador, pintando-os com os traços dos tolos “que fazem nascer apocalipses em um casebre” e sonham apenas destruição e caos. A obra de Arvon, mais séria e muito mais bem documentada, fruto de uma tese universitária, colocou o filósofo alemão na linhagem do existencialismo kierkegaardiano, muito em moda na Europa no logo após a guerra. Arvon se declarava stirneriano, mas considerava que o marxismo

propunha uma filosofia superior ao indivíduo. Ele seria, entretanto, o comentador de referência até por volta de 1970, publicando, como se sabe, em 1973, um outro livro sobre Stirner: *Stirner ou l'expérience du néant*.

É a partir de 1968 que uma recuperação do interesse por Stirner se manifesta. Revistas que reclamam para si o individualismo anarquista, como a *Ego*, editada em Marselha por Pierre Jouventin, (números 1 a 12 de 1968 a 1971), *Pausole*, editada em Metz por T. L'Aminot e Pierre Harig (números 366 a 363 de 1975 a 1978) ou *L'Homme Libre*, editada por Marcel Renoulet em Saint-Etienne ainda hoje, revelam esse interesse. Stirner se beneficia, com efeito, da moda contestadora que leva os editores a reeditar os teóricos revolucionários e a publicar textos sobre o assunto. Em 1972, a editora L'Âge d'Homme, de Lausanne, publica uma nova tradução de *Der Einzige* (a de P. Galissaire e A. Sauge) e a completa com as traduções de vários escritos do filósofo até então desconhecidas dos leitores francófonos. A editora até mesmo dá, em um primeiro momento, o título incorreto de *Oeuvres complètes* à obra, mas ainda hoje estamos longe de dispor do *corpus* de que dispõe o leitor alemão.¹³ Ainda que tenha havido progressos em relação ao período anterior à guerra, o conhecimento de Stirner na França continua fraco, tocando um público restrito e traduzindo, por fim, a falta de interesse e a preguiça dos intelectuais no que diz respeito a ele. O trabalho de J. H. Mackay não é sempre traduzido e os autores das biografias de Stirner contentam-se em copiar informações divulgadas na biografia anterior, acumulam os erros e se negam a aprofundar a pesquisa. Lemos ainda por toda parte (mesmo em H. Arvon) que Stirner morreu devido a uma picada de mosca, enquanto Mackay havia oferecido uma exposição detalhada de sua doença e sublinhado que nada indicava que ela pudesse ter tido tal causa. O mesmo vale no que diz respeito aos comentários. Os autores

13 Os cadernos mensais Spartacus publicaram, em fevereiro de 1974, um volume intitulado *Stirner: da educação*, que propunha uma outra tradução de *Das unwahre Prinzip unserer Erziehung* e uma tradução de *Über Schulgesetze* que não figurava nas *Oeuvres complètes* da L'Âge d'Homme, bem como diversos estudos de Gunther Freitag e Jean Barrué. Este último publicou, pouco depois de uma coletânea molitante fotocopiada, editada e distribuída pela Fédération Anarchiste: *Max Stirner et l'éducation*. H. Arvon produziu também, com o editor universitário Aubier Montaigne, uma edição bilingüede *Das unwahre Prinzip unserer Erziehung* e dos *Rezensenten Stirners*, publicadas em 1974.

não se esforçam nem mesmo para conhecer o que se escreve na Alemanha, na Inglaterra ou nos Estados Unidos e, há muito tempo, contentam-se com uma abordagem impressionista e superficial do pensamento stirneriano. O livro de Pierre Vandrepote, *Max Stirner chez les indiens* (Editions du Rocher, 1994) é revelador nesse sentido: sob o pretexto de ser uma abordagem pessoal de Stirner, ele propõe uma gentil mistura que não faz progredir o conhecimento nem a compreensão acerca do filósofo. A coletânea de estudos e documentos reunidos e apresentados por Diederick Dettmeijer sob o título *Max Stirner* (Lausanne: L'Âge d'Homme, 1979), por outro lado, aparece como uma exceção e o anúncio do que poderia ser um verdadeiro estudo de Stirner na França. Os artigos que compõe esse volume dão ao pensamento stirneriano sua verdadeira dimensão. Alguns livros publicados recentemente, como o de Annabel Herzog: *Penser autrement la politique. Eléments pour une critique de la philosophie politique* (Paris: Kimé, 1997), que consagra vários capítulos a Stirner, e o de Arno Münster sobre *Nietzsche et Stirner* (Paris: Kimé, 1999) dão esperanças nesse sentido.¹⁴ O acesso aos milhares de páginas que encontramos sobre Stirner na web é, também, uma possibilidade oferecida ao leitor francês que deseja conhecer o filósofo e escapar da indigência e da mediocridade cultural francesas nesse domínio.

Stirner teria sido evocado, entretanto, por filósofos franceses de renome, mas de maneira oblíqua. Gilles Deleuze consagrou a ele algumas páginas em seu *Nietzsche e a filosofia* em 1962, e Jacques Derrida também o fez em *Spectres de Marx* em 1993, mas fizeram isso sobretudo para confrontá-los com seus respectivos filósofos. O comentário de Marx em *Die deutsche Ideologie* se interpõe entre Stirner e seu leitor na maior parte dos casos e evita uma referência direta a ele. Se por um lado Stirner teve um lugar na *Histoire de la philosophie* editada por François

14 Podemos acrescentar a esses livros dois estudos sobre Stirner, o de Gerard Raulet, "L'énergumène ete son héritage. A propos d'un Jeune Hégélien singulier: Max Stirner" (Raulei 29) e o de Alain Gigander, "Max Stirner. A idéia do povo, o povo como idéia" (Gigander 15), bem como a tese de mestrado em Filosofia de Rudy Rocher, *Max Stirner ou la quête du moi authentique* (Rocher 30). O *Marx versus Stirner* de Daniel Joubert que foi publicado em 1997 na editora L'Insomniaque é uma reedição do texto publicado anteriormente no *Max Stirner* editado por D. Dettmeijer em 1979. Stirner é examinado em sua relação com Marx, por fim, em muitos capítulos do livro de Jad Hatem, *Marx, philosophe de l'intersubjectivité* (Hatem 16).

Chatelet (Bannour 1) ou na antologia de Alain Laurent, intitulada *L'individu et ses ennemis* (Laurent 17, p. 102-119), por outro, o leitor francês que se interessa por ele por sua recepção geralmente ignora toda a *Freiwirtschaft*. O livro de Silvio Gesell, entretanto, foi traduzido para o francês após a guerra (Gesell 12), mas nem os anarquistas que se referem a Stirner nem os universitários o conhecem, ou o relacionam ao autor de *Der Einzige*. Do mesmo modo, eles ignoram a tentativa de realização dessa corrente econômica stirneriana que existiu em Lignièrès (Cher) e em Marans (Charente-Maritime) por volta de 1960.¹⁵ Ainda assim, a referência a Gesell aparece no registro das redes econômicas alternativas, mais especificamente nas publicações e nos sites de internet do Système D'Échange Local (o SEL).¹⁶ A ligação com Stirner parece, entretanto, ter-se perdido no caminho.

Atualmente, ninguém se interessa por Stirner na França, a não ser os anarquistas, por quem ele é apresentado como um pensador de seu movimento, com frequência de maneira reticente. A Fédération Anarchiste Française, principalmente, nunca escondeu seu desdém e suas reservas para com esse autor e, sem dúvida, prefere Bakunin, Kropotkin e os teóricos do socialismo libertário.¹⁷ Ainda assim, atualmente essa organização constitui o principal acesso a Stirner na França, mas é de se desejar que o leque se abra e Stirner possa aparecer verdadeiramente como um filósofo digno de nota, já que seu discurso sobre os

15 Ver Rudolf Spier, *Une Solution/Ein Ausweg* (Spier 31), que descreve a experiência e insiste na abertura econômica que ela representa. A repressão do Estado gaullista pôs fim a essa tentativa.

16 Ver por exemplo Alain Lemaître, "Silvio Gesell: une monnaie pleine d'intérêt" (Lemaître 21, p. 7) e os sites de Trock em Stock (www.trockenstock.com/argent/frame_main.html).

17 Um dos principais grupos da F.A.F., o Groupe Louise Michel, dava cursos de formação libertária e editou o seguinte sobre Stirner: Paul Chauvet, *Stirner ou l'extrême liberté* (Chauvet 6). *Le Libertaire*, editado em Havre pelo Grupo Jules Durand, edita e distribui atualmente a brochura de René Saulière, dito André Arru, *L'Unique et sa propriété de Max Stirner*. Por fim, as Editions Libertaires publicaram em 2004, na coleção "Graine Ananar", um volume sobre *Max Stirner* composto de um excerto da [mémoire de maîtrise] de Rudy Rocher mencionada acima, da reedição de um texto de Victor Roudine publicado em 1910 em seu livro *Portraits d'hier* e de um artigo de Daniel Guérin. O objetivo dessa publicação era romper com interpretações que fazem de Stirner um "precursor do liberalismo à moda capitalista", insistindo principalmente no fato de que ele é um "precursor da luta de classes e da greve geral como meios para engendrar um processo de revolução social".

poderes e os ideais que privam o indivíduo de si mesmo nunca foram tão atuais.

Bibliografia

1. BANNOUR, Wanda. Max Stirner. In: *Histoire de la philosophie*, 5. Paris: Hachette, 1973. p. 269-279.
2. BASCH, Victor. *L'individualisme anarchiste: Max Stirner*. Paris: Félix Alcan, 1904.
3. BECHT, James. Max Stirner ou le vertige de la liberté absolue. *Éléments*, p. 55-58, été 2004.
4. BOUNOURE, Vincent. Le paradoxe de la communication. *La Brèche*, n. 4, p. 12-14, février 1963; n. 6, p. 50-56, juin 1964.
5. BUFFET-PICABIA, Gabrielle. *Rencontres*. Paris: Belfond, 1977.
6. CHAUVET, Paul. *Stirner ou l'extrême liberté*. Paris: La Rue, ca. 1970. 15 p.
7. COMPÈRE-MOREL. *Grand dictionnaire socialiste*. Paris: Publications Sociales, 1924.
8. DAVID-NEEL, Alexandra. *Journal de voyage*. Lettres à son mari. Paris: Plon, 1975.
9. DOCUMENTS relatifs à la fondation de l'Internationale Situationniste (1948-1957). "L'ennemi du peuple". Paris: Allia, 1985.
10. FOUILLÉE, Alfred. *Histoire de la philosophie*. Paris: Delagrave, 1882.
11. FRAISSE, Luc. *Les Fondements de l'histoire littéraire: de Saint-René Tallandier à Lanson*. Paris: Champion, 2002.
12. GESELL, Silvio. *L'ordre économique naturel*. Paris: Isautier, 1948.
13. GHÉRÉA, Constantin. Max Stirner ou l'anarchie de la pensée. *L'Ere Nouvelle*, août 1893.
14. GIDE, André. Lettre à Angèle, XI. *Mercur de France*. Prétéxtes. Paris, 1963.
15. GIGANDER, Alain. Max Stirner: l'idée du peuple, le peuple comme idée. In: VARGAS, Yves (Dir.). *De la puissance du peuple, 2: La démocratie chez les penseurs révolutionnaires*. Pantin: Le Temps des Cerises, 2003. p. 63-69.
16. HATEM, Jad. *Marx, philosophe de l'intersubjectivité*. Paris: L'Harmattan, 2002.

17. LAURENT, Alain. *L'individu et ses ennemis*. Paris: Hachette; Pluriel, 1987.
18. LAVIGNES, Henri. Lettre ouverte à M. André Gide. *La Revue Blanche*, XXI, p. 398-400, 1900.
19. LE BRUN, Annie. *A distance*. Paris: J.-J. Pauvert aux Editions Carrère, 1984.
20. LE DANTEC, Félix. *L'égoïsme, base de toute société*. Etude des déformations résultant de la vie en commun. Paris: Flammarion, 1912 (Bibliothèque de Philosophie Scientifique).
21. LEMAITRE, Alain. Silvio Gesell: une monnaie pleine d'intérêt. *Silence, Hors-Série-SEL*: pour changer, échangeons, 1998.
22. LÉVY, Albert. *Stirner et Nietzsche*. Paris: Société Nouvelle de Librairie et d'Édition, 1904.
23. LICHTENBERGER, Henri. L'anarchisme en Allemagne: Max Stirner. *La Nouvelle Revue*, juillet 1894.
24. LUGGHESI, François. La philosophie de Stirner. Bastia: Edition Princes de Tuteur, 1932, 137 p.
25. MANFREDONIA, Gaetano. *L'individualisme anarchiste en France (1880-1914)*. Thèse de Doctorat. Institut d'Études Politiques de Paris, 1984.
26. PALANTE, Georges. *Les antinomies entre l'individu et la société*. Paris: Félix Alcan, 1913.
27. PÉIADAN, Joséphin. *Amphithéâtre des sciences mortes*. Le livre du sceptre. Politique. Paris: Chamuel, 1895.
28. PELTIER, Michel. Stirner, l'anarchiste solitaire. *Défense de l'Occident*, n. 136, p. 46-51, mars 1976.
29. RAULEÍ, Gérard. L'énergumène et son héritage. A propos d'un Jeune Hégélien singulier: Max Stirner. In: DAVIET-TAYLOR, Françoise; GANGL, Manfred; PETIT-EMPTAZ, Anne-Sophie (Org.). *Entre la quête de l'absolu et le principe de réalité*. Mélanges en l'honneur de Jean-Marie Paul. Paris: L'Harmattan, 2003. p. 405-421.
30. ROCHER, Rudy. *Max Stirner ou la quête du moi authentique*. Mémoire de Maîtrise de Philosophie. Université de Reims, 2004.
31. SPIER, Rudolf. *Une Solution/Ein Ausweg*. Dusseldorf: L. Schwann, 1961, 43 p.
32. SPIESS, Camille. *Max Stirner*. Nice: Editions Athanor, 1949, 8 p.

33. TAILLANDIER, Saint-René. Max Stirner. Die gegenwärtige Krisis der Hegel'schen Philosophie. Ins Deutsche übertragen und herausgegeben von Hermann Jellinek (1847). *Stirneriana*, n. 12, februar 1999.
34. THOREL, Jean. Les pères de l'anarchisme: Bakounine, Stirner, Nietzsche. *Revue Bleue*, n. 51, 1893.
35. VALOIS, Georges. *L'homme qui vient: philosophie de l'autorité*. Paris: Nouvelle Librairie Nationale, 1923.